

OGMA

O Guerreiro Poeta

por ALEXANDRE GABRIEL

OGMA É UM DEUS IRLANDÊS ligado à poesia e à eloquência, sendo-lhe atribuída a invenção do mágico alfabeto *Ogham* – cuja ligação à divindade se torna evidente pela sua denominação, que forma uma espécie de “anagrama”. Para além disso é conhecido pela sua ferocidade guerreira, transportando sempre consigo duas armas: o arco e a clava. Destaca-se o seu poder heróico no relato épico irlandês sobre a *Batalha de Moytura*, onde combate do lado dos *Tuatha Dé Danann* (“o Povo da Deusa Dana”), participando na vitória contra os bárbaros *Fir Bolg* e os *Fomorianos*. Assim, Ogma manifesta uma faceta dupla de poeta e guerreiro, contendo em si tanto o princípio feminino como masculino.

Na Gália, o escritor romano Luciano registou a crença dos gauleses no deus *Ogmios*, por eles descrito como sendo um homem calvo, transportando um arco e uma clava. Luciano diz-nos ainda que *Ogmios* é seguido por um grupo de homens com boa disposição, que têm as suas orelhas presas a correntes que estão ligadas à língua desta divindade.

É possível interpretar a simbologia das correntes presas às orelhas dos homens como sendo um símbolo da eloquência cativante de *Ogmios*, que os “prendia”, e que se manifestaria em particular, de uma forma arquetípica, no turbilhão emocional provocado pelo discurso que antecede uma batalha. Graças à sua poderosa eloquência, Ogma conduziria os homens para a batalha, inspirados e encorajados pelas suas palavras e pelo seu porte assustador. Considera-se que muito provavelmente se tratará do mesmo deus, Ogma, com uma grafia ligeiramente diferente, já que possui os mesmos atributos bélico-poéticos acima mencionados.

Temos, assim, duas armas principais e visíveis, que são usadas pela divindade no plano exterior: o *arco* – produto do engenho humano e que serve para atacar a uma grande distância – e a *clava* – arma primeira usada no combate corpo-a-corpo. A *clava* representa, muito provavelmente, a arma de guerra primordial descoberta pelo ser humano nos tempos mais remotos da sua origem. Representa a força bruta, primal,

Alguns aspectos da cruz druídica

por **ADÍLIO JORGE MARQUES**
e **MELISSA GONÇALVES BOËCHAT**

ESTE SÍMBOLO, UTILIZADO POR algumas Organizações iniciáticas, é o mais completo símbolo da cosmogonia Druídica. Pode-se dizer que a “cruz druídica” é um livro secreto no qual os ensinamentos filosóficos e científicos dos Druidas foram transmitidos durante séculos.

O GRAFISMO

A Cruz Druídica é traçada a partir de números de valores absolutos, pouco importando a unidade de medida, uma vez que a proporcionalidade será mantida.

Observemos agora a Tríada 8 e a Tríada 10¹:
DEUS possui três supremacias:

- A vida universal,
- A ciência universal,
- A potência universal

¹ As tríadas aqui inseridas referem-se a uma classificação sistemática de 9 grupos de 9, que foi realizada, no Colégio Internacional de Estudos Celtodruídicos – CIDECD, por suas serenidades os arquidruídas Philéas Lebesgue e Paul Bouchet.



Na VIDA UNIVERSAL existem três círculos:

- O círculo de KEUGANT
- O círculo de ABRED
- O círculo de GWENWED

Uma vez que a Cosmogonia Druídica se baseia no número três, estes círculos concêntricos tem o diâmetro (d) relacionados por uma lei de triplicidade. O círculo de **KEUGANT**, $d = 81$, é o círculo DIVINO, onde está DEUS e suas manifestações. A este círculo o homem jamais terá acesso. Já o círculo de **ABRED**, $d = 27$, é o círculo da Fatalidade, o círculo das Migrações das Almas. Neste, as almas estão presas nos seus ciclos encarnatórios, sendo que, ao início de cada etapa, por vontade divina, a alma sai do nada — CYTRAUL — indo para ABRED, até que atinja o merecimento de chegar a

GWENWED. O círculo de **GWENWED**, $d = 9$, é o do Conhecimento e da Plenitude, onde os seres que foram purgados e purificados em **ABRED** se libertam dos ciclos de reencarnação e podem evoluir de uma maneira muito mais elevada. A cruz Druídica representa também os quatro elementos e as quatro dimensões, reunidos no 5º elemento, o éter, representado pelo círculo do Mundo (=GWEN) e Branco (=WED).

O ESOTERISMO

Procuremos agora um significado mais oculto dos elementos que compõem a cruz. O comprimento do círculo de **KEUGANT** é $2\pi R$, sendo R o raio e $2R$ o diâmetro (d).

Da relação anterior temos que $81 (d) \times 3,1416 (\pi) = 254,4696$. Este valor representa, aproximadamente, o chamado Grande Ano Solar, retirando-se a diferença de três casas decimais: 25.446,96 anos.

Tal resultado difere um pouco do valor aceito de 25.920 anos, já que este leva em conta ciclos de 72 anos (360 graus \times 72 anos = 25.920 anos). Acreditamos que se a nossa órbita terrestre, por exemplo, fosse perfeitamente circular ($\theta = 360^\circ$), o valor seria tal como o aceito. Contudo, as órbitas dos planetas em torno do Sol² são elípticas, o que pode nos permitir certa aproximação.

O comprimento ou circunferência do círculo de **ABRED** é de 0,8482. A superfície é de 0,57256, que é 9 vezes a do Círculo de Gwenwed. No druidismo, fala-se que a Personalidade Espiritual evolui em Abred. Ela é submetida a períodos de provação material ou de encarnações em um corpo físico no seio de Annouin. Isto quer dizer que, segundo as Tríadas, no Mundo da Matéria o Espírito tem a sua menor potência.

O estado de vida tem o mínimo material no átomo. Este, energia concentrada, é composto de um núcleo (com prótons e neutrons) e elétrons dispostos em camadas (o número de camadas varia com o tipo de átomo). Por sinal, a representação mais usual, mais conhecida do átomo é o de um núcleo orbitado por elétrons. Não que seja realmente assim, isto é, que os átomos se pareçam com sistemas planetários. De acordo com a ciência, isto é apenas uma representação simbólica. A representação mais verdadeira das chamadas “órbitas” eletrônicas se parece com hélices de ventiladores tridimensionais ou campos de energia. Estes átomos se juntam em moléculas, estas em compostos orgânicos e inorgânicos — minerais, vegetais, animais (com personalidade) e, depois, o homem. Este pode progredir pelo conhecimento até o Mundo Branco.

² A respeito do Sol, diz-se que o seu espírito é *Belém*. O corpo físico do Sol é chamado de *Heol*.



— parte 3

O Cristianismo Celta

por JOSÉ ALEXANDRE FRAZÃO MATOS

OS MONGES CELTAS ENCARAVAM a peregrinação de um modo diferente de hoje, que é essencialmente uma atitude de súplica e eventualmente agradecimento, e envolve sempre algum esforço ou suplício, tendo geralmente como objectivo a ida a um Santuário dedicado a Deus, a algum Santo ou a Nossa Senhora. A *Peregrinatio pro amore Dei* era mais uma forma que os monges celtas tinham de se superar, de se santificar pelo esforço e dedicação. Eram muitas vezes peregrinações sem rumo certo: uma delas, conta-se, terá chegado a território norte-americano, cerca de um milénio antes de Colombo ou Vespúcio. Essencialmente procuravam imitar, replicar os seus antepassados heróis; algumas das peregrinações identificadas com santos irlandeses não são mais que a cristianização de uma epopeia ou história mitológica da Irlanda, que foi copiada por um monge do Martírio Branco.

É o caso da Viagem de São Brandão, que não será mais que uma cristianização da viagem de Brann, filho de Febal, (*Braínn mac Fébal*) que viaja com os seus companheiros em busca da Ilha de Verão ou a Ilha da Promessa, Ilha de *Emain Ablach* (que em irlandês antigo significava *macieira*), ilha onde não há doenças, dor ou

mesmo morte; ou seja, o paraíso Celta, equivalente à Ilha de Avalon na tradição arturiana. Nesta viagem, Brann percorre durante anos várias ilhas, com vários mundos e desafios diferentes. São estes desafios que Brann tem que ultrapassar para se realizar, para chegar ao Outro Mundo, até Emain Ablach. Assim os Santos Celtas que partiam em *Perigrinatio pro amore Dei* procuram ultrapassar uma série de desafios e dificuldades para assim se reverem nos heróis da antiguidade.

Nem todas foram uma “adaptação” como a viagem de São Brandão; outras houve em que os monges irlandeses lançavam à água um “curragh” (barco de origem irlandesa feito de peles) e sem remos ou vela entregavam-se nas mãos do destino, tendo sido assim que Columbano, por exemplo, partiu da Irlanda com 12 companheiros, como mandavam as regras, chegando à Gália, onde fundou três mosteiros campestres, abadias, em território suevo: Annegray, Luxeuil e Fontaines. Havia nestas peregrinações um sentido diferente das de agora, com destino em santuários: na época, não eram feitas a santuários ou templos, salvo raras excepções que deverão ter existido. As peregrinações eram feitas como um desafio de